

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR
JOÃO ADELINO DIAS PENA

DIRECTOR REGIONAL EM LISBOA
Jorge Manuel Freire Medeiros

ANO I N.º 2

DOMINGO - 21 de Junho de 1953

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

UM VERDADEIRO PLANO

As dotações atribuídas aos três mais importantes portos do Algarve — Vila Real de Santo António, Portimão e Faro-Olhão — revelam acentuado desequilíbrio em desfavor do primeiro

II

REFERI já, duma maneira geral, o valôr e o extraordinário alcance do conjunto de obras que o Plano de Fomento engloba, e fiz referência à obra publicada pelos Ministérios da Economia e do Ultramar, em que se desenvolveu todas as fases da preparação daquele plano, como seja a proposta de lei inicial, os pareceres, a discussão na Assembleia Nacional, etc.. Desse desenvolvimento se deduz, como corolário justíssimo, a atenção que as entidades competentes puzeram, do princípio ao fim, no tratamento de todos os portos, ora pesando contras, ora encarecendo proveitos, mas sempre deixando transparecer um intuito firme de tudo resolver no melhor caminho, o da salvaguarda e garantia dos superiores interesses da Nação Portuguesa.

Como é natural, foram os assuntos relacionados com a província do Algarve os que mais atraíram a minha atenção. E, dentre eles, os que se relacionaram com os portos.

Quem como nós, algarvios, acompanha a vida da nossa província, sente bem quanto o movimento dos portos influe na vida das populações. Só nós podemos bem interpretar a tristeza que se lê no rosto dum homem do mar a quem falta trabalho! Só nós, ao vermos na «baixa mar» esses rostos tostados, indizivelmente ansiosos, fitando o mar, a esperar dele o seu pão, a contar com ele para levarem aos seus lares o bem-estar que merecem, só nós, repito, podemos sentir como este assunto — portos — está ligado à vida da nossa província.

Foi essa a razão porque me demorei um pouco em todos os capítulos com ele relacionados. Fi-lo, como também já tive ocasião de escrever, como admirador curioso, como «procurador inocente»; fi-lo, finalmente, como português, interessado em tudo o que se relacione com o engrandecimento da Nação a que pertence.

Tal como certamente sucedeu com a maioria dos leitores nas minhas condições, uma coisa me saltou à vista: — A omissão do porto de Vila Real de Santo António na relação daqueles que foram dotados com verbas para futuras obras. Será que se considera definitivo o estado actual do mesmo?

Sem dúvidas, parece haver um certo desequilíbrio de critérios entre o que se lhe refere e o que

Eng.º Cristiano de Lima

Esteve durante alguns dias no Algarve, tendo visitado as Delegações do Instituto Português de Conservas de Peixe nesta vila e em Olhão, o sr. Eng.º Cristiano Jorge de Lima, funcionário superior daquele organismo de coordenação económica, que vinha acompanhado pelo sr. Eng.º Alves da Costa, chefe do Laboratório.

Faro-Olhão — revelam acentuado desequilíbrio em desfavor do primeiro

diz respeito aos restantes portos do Algarve, quero dizer, aos de Faro-Olhão e de Portimão. E penso deste modo pois, tendo presente as excelentes condições naturais oferecidas pelo porto de Vila Real, e considerando o seu elevado rendimento relativamente aos actuais gastos de conser-

vação, parece que deveria actuar-se o melhor apetrechamento e cuidar-se de promover tanto quanto fosse possível para melhorar as suas condições gerais de utilização.

Do que se lê na obra a que atrás me referi parece, em resumo, poder deduzir-se o seguinte:

PLANO PORTUÁRIO

Decreto 12.757 Dezembro 1926 1.ª fase	{	Porto Faro-Olhão — 12.000 contos — para melhoria de condições de acesso
		Porto de Vila Real — 10.400 contos — para adaptação comercial
		Porto de Portimão — 27.500 contos — para melhoramento da barra e equipamento do cais
Decreto 33.922 1944-2.ª fase	{	Porto Faro-Olhão — 16.500 contos — para melhoramento de acesso, acostagem interior e equipamento do cais
		Porto de Vila Real — 3.000 contos — para equipamento do cais

e finalmente: —

Plano de Fomento 1953	{	Porto Faro-Olhão — 10.000 contos — para 1.ª fase da doca de pesca e melhoramento da barra
		Porto de Portimão — 17.000 contos — para a barra do Arade, instalação interior para exploração comercial

daqui se obtendo os seguintes totais: —

Para o porto Faro-Olhão	38.500 contos
Para o porto de Portimão	44.500 contos
Para o porto de Vila Real	13.400 contos

Estas verbas serão possivelmente acrescidas de outras, com carácter regular e anual, para conservações e outros fins, mas que decreto não alteram o visível desequilíbrio que nestes se demonstra.

Não pretenderíamos, evidente-

Os srs. Ministro

e Subsecretário do Exército

visitaram o Algarve,

assistindo a um copejo de atum

A FIM-DE assistirem a uma copejada de atum, espectáculo de grande interesse pelo que tem de movimento e pitoresco, estiveram em Faro os srs. General Abranches Pinto e Tenente-Coronel Sá Viana Rebelo, respectivamente ministro e subsecretário do Exército, Generais Dias Costa, comandante geral da L. P., e Duarte Silva, comandante da IV Região Militar, bem como o General Casum, chefe da missão americana em Portugal, e alguns oficiais que constituem essa missão.



Integralmente, doutor?

mente, que as verbas se igualem, ó sequer se assemelhassem; as condições naturais próprias de

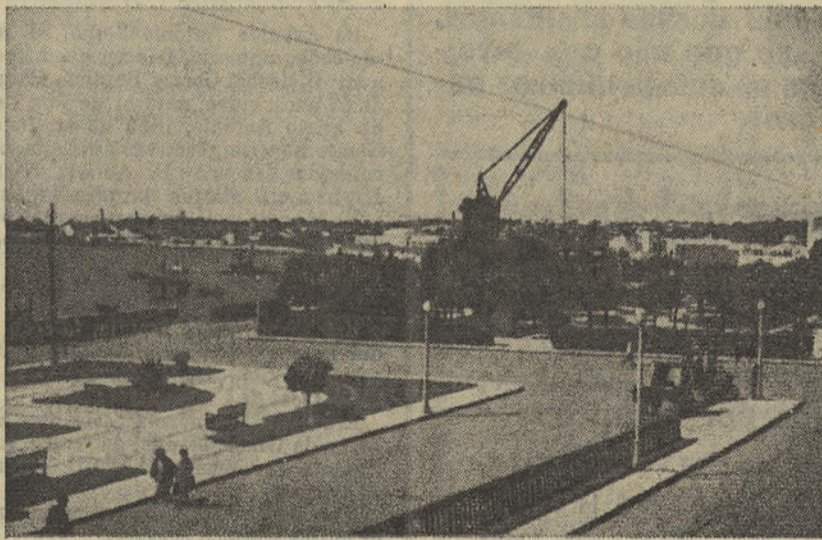
(CONCLUÍ NA 8.ª PÁGINA)

PORTIMÃO E AS FESTAS DOS SANTOS POPULARES

DIGA-SE desde já que nos mereceu todo o aplauso a iniciativa tomada por um grupo de portimonenses, com o

a indiferença são a injusta paga de muito sacrifício.

Por isso gostosamente enfileiramos, agora, ao lado dos que



Portimão — Um aspecto da cidade

patrocínio da Câmara Municipal, de promover este ano, na nossa linda e querida cidade, diversos festejos próprios da quadra dos Santos Populares.

E acrescente-se, a seguir, que são credores da nossa simpatia as pessoas envolvidas na organização. Por experiência colhida em algumas realizações a que demos, por amor a esta terra, o pouco do nosso préstimo e muito da nossa boa vontade, sabemos como são difíceis de vencer as dificuldades, árduo o labor, e como, muita vez, a ingratidão ou

não regateiam aplausos à ideia posta em marcha este ano, ainda como tímida experiência, mas que certamente para o futuro se afirmará como uma bela realidade mais a somar às já existentes — as festas da Amendoeira e Carnaval constituem uma clara e insofismável afirmação — em favor do desenvolvimento turístico, propaganda e prestígio da gentil «noiva do Arade».

Acresce, ainda, que o produto líquido das festas se destina exclusivamente a ajudar à constru-

(CONCLUÍ NA 8.ª PÁGINA)

O SR. NEHRU

Uma opinião americana e um comentário indiano...

O GOVERNO da União Indiana tem proposto repetidamente ao Governo português a abertura de negociações destinadas a efectivar a transferência para aquela União dos territórios e populações que constituem o Estado da Índia Portuguesa. Disto nos dá conta uma nota oficiosa do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que acrescenta ter o nosso Governo regeitado semelhante proposta. O conteúdo desta «nota», que a imprensa diária já divulgou, é de tal modo claro e concludente que dispensa perfeitamente todos os comentários. Nem pretendemos, evidentemente, comentar a atitude injusta e de incompreensão manifestada pelo Governo de Nova Delhi. Também a inesperada e espantosa revelação de que se tinha tornado inútil a missão diplomática indiana acreditada em Lisboa, pela recusa do nosso Governo em discutir o que não tem discussão — não merece comentários. De resto, este conceito, puramente indiano, de diplomacia, que deixaria estupefacto o próprio sr. de Tayllorand — raposa velha que teria imenso que aprender com os «diplomatas» dos nossos dias —, talvez encontre explicação no que conta um jornalista americano, o sr. Irving Hoffman.

Diz ele: — «Ao tempo que me detive na Índia, uma selvagem tribo fronteiriça, a dos Nagas, invadiu armada uma aldeia de Caxemira, levando de lá as cabeças de 93 aldeões. O Pandita Nehru, chefe da Nação, num discurso perante o Parlamento indiano, considerou isso como «uma manifestação de exuberância» por parte de «um povo dinâmico e pleno de actividade». — «Ou, pelo menos, cabeçudo» — acrescenta o sr. Hoffman.

Mas, o que provoca o nosso sincero pasmo é a obstinação decidida, deliberada, teimosa — casmurra, diríamos —, que o sr. Nehru tem evidenciado nesta questão da Índia Portuguesa e que forma um flagrante contraste com a habitual atitude de dupla-face, de indecisão, de tibieza, que o Pandita tem demon-

(CONCLUÍ NA 8.ª PÁGINA)

Pela Casa do Algarve

«Acção Social e Medicina Social»

conferência pelo sr. Prof. Dr. Carlos Santos

NA SUA interessante série de jornadas culturais, levou a Casa do Algarve a efeito mais uma conferência em que foi orador o distinto radiologista sr. Prof. Carlos Santos. O tema versado — Acção Social e Medicina Social — é duma flagrante actualidade e a forma brilhante e objectiva como foi tratada pelo sr. Prof. Carlos Santos é digna do mais relevante elogio.

Começando por escalonar os diferentes prismas sob os quais os problemas sociais devem ser tratados, apresentou o orador seguidamente as soluções a enunciar para a resolução daqueles, não descurando o seu enquadramento no plano geral. No campo da acção social, analisou com invulgar clareza os fundamentos morais da acção social e os seus efeitos psicológicos, e apontou os perigos que poderão nascer ao descurarem-se tais problemas. Pôs em realce o papel da medicina como factor fundamental de acção social e, em palavras cheias de nobreza, numa assistência que o escutava atentamente, mostrou como, no exercício da sua arte, o médico não deve ser senão o homem, não estabelecendo diferença entre o rico e o pobre, os grandes e os pequenos; deve sim considerar o doente como um templo da natureza.

A sessão foi presidida pelo antigo Governador Civil de Faro e actual Director Geral da Assistência sr. Dr. Agostinho Joaquim Pires, ladeado pelos srs. Dr. Amadeu Ferreira de Almeida, Dr. Fernando Correia, presidente da Comissão de Beneficência da Casa do Algarve e Director do Instituto Dr. Ricardo Jorge, majores Mateus Moreno e Nascimento Moura, presidentes da Direcção e da Comissão Cultural, Dr. José António Madeira e sr. Hermenegildo Neves Franco.

O encerramento coube ao sr. Director Geral de Assistência, Dr. Agostinho Pires que depois de pôr em relevo a acção social da Casa do Algarve, felicitou o sr. Prof. Carlos Santos pela brilhante e oportuna lição que acabara de proferir.

Licença de Comércio e Indústria

Na Câmara Municipal termina em 30 deste mês de Junho, o prazo para o pagamento voluntário, com juros de mora, da licença de Estabelecimento Comercial ou Industrial, a que se referem os Art.º 710. e seguintes, do Código Administrativo. Findo este prazo, é de aplicar a multa de importância igual ao imposto devido, mas nunca inferior a 20\$00, acrescida de um terço por cada reincidência.

AGENDA

Movimento da Bota de Vila Real de Santo António

Vendas efectuadas de 11 a 17 de Junho:

Trainceiras:	
Carmela	100.850\$00
Leste	28.280\$00
S. Domingos	45.200\$00
Pérola do Guadiana	50.190\$00
Manuela	132.800\$00
Levante	114.270\$00
Liberta	85.840\$00
Agadão	79.210\$00
Raulito	84.650\$00
Tufão	89.450\$00
Janita	107.160\$00
Flor do Guadiana	61.010\$00
Norte	35.750\$00
Batinha	60.650\$00
Deolinda Rita	55.720\$00
Maria Rosa	47.250\$00
Pérola Algarvia	51.520\$00
Maria Izabel	8.950\$00
Milita	8.900\$00
Cristina Leote	25.000\$00
Mirita	9.420\$00
S. Flávio	8.300\$00
Briosa	14.880\$00
Maria do Pilar	11.110\$00
Costa Azul	83.800\$00
Poia	950\$00
Noroeste	12.300\$00
Oca	82.510\$00
Alvarito	47.820\$00
Praia do Vau	45.670\$00
Borges do Régio	9.000\$00
Melinha	2.920\$00
Rosa do Sul	24.190\$00
Pérola de Lagos	8.740\$00
Carlos Fernandes	26.900\$00
Mariazita	15.610\$00
Mexilhão	18.880\$00
La Rose	44.900\$00
Sarda	17.780\$00
Restauração	49.800\$00
Flor do Sul	88.890\$00
Tóluiz	29.825\$00
Farihão	34.000\$00
Lua Nova	45.720\$00
Jomanel	42.350\$00
Anjo da Guarda	22.500\$00
Oeste	48.940\$00
Ciclone	16.400\$00
Persistente	23.450\$00
Lola	39.840\$00
Oressa	8.400\$00
Sol	14.280\$00
Leão	5.600\$00
Mosquito	9.540\$00
Nicete	58.850\$00
Arrifana	66.700\$00
Total	2.777.895\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 1 a 19 de Junho:

L'ORQUE, Marroquino, de 72 toneladas para Port Lyautey.

L'ESPADON, Marroquino, de 52 toneladas para Port Lyautey.

SILVA GOUVEIA, Português, de 893 ton. de Pomarão para Lisboa.

COSTEIRO, Português, de 629 ton. de Pomarão para Lisboa.

GIRAO, Português, de 428 ton. para o Funchal.

DARINIAN, Inglês, de 1.532 ton. para Valência.

JAIME PEREZ, Espanhol, de 59 ton. para Cadiz.

TERCEIRENSE, Português, de 1.295 ton. para Ponta Delgada.

CORVO, Português, de 773 ton. para Ponta Delgada.

CONDESA, Espanhol, de 1.306 ton. para Lisboa.

COLON, Inglês, de 1.803 ton. para Liverpool.

GORGULHO, Português, de 1.196 ton. para o Funchal.

SILVA GOUVEIA, Português, de 893 ton. de Pomarão para Lisboa.

RHONE, Suíço, de 336 ton. para Nápoles.

COSTEIRO, Português, de 629 ton. de Pomarão para Lisboa.

MAURO SANTE, Italiano, de 405 ton. para Málaga.

RAVENS POINT, Inglês, de 1.822 ton. para Londres e Hull.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 20 a 26 de Junho a Farmácia Carrilho-Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

Prédio na Praia de Monte Gordo

VENDE-SE

Frontes para: Rua Gonçalo Zarco, 19 Largo da Igreja, 24 e uma Travessa.

FACILITA-SE PAGAMENTO

Pedir chave à Sr.^a Sulpícia

Rua António Nola, 31—Monte Gordo

Dirigir a Evaristo Melo Vasconcelos

Rua Fernandes da Fonseca, 12-2.º
Telefone 28034 — LISBOA

Aos nossos assinantes

A todos os nossos presados leitores a quem temos a honra de enviar o «Notícias do Algarve», esclarecemos que os consideraremos nossos assinantes, desde que não nos devolvam os dois primeiros números.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Nascimento

Teve a sua delivrance no passado dia 12, dando à luz uma robusta criança do sexo masculino, a sr.^a D. Maria Amália Piloto Azevedo dos Santos Gonçalves, esposa do nosso presado amigo e colaborador sr. Capitão António dos Santos Gonçalves, que, com sua família, regressou recentemente a esta vila, depois de uma ausência de cerca de cinco anos em serviço no Governo Militar do Estado da Índia.

Mãe e filho encontram-se felicemente bem.

Partidas e Chegadas

De visita a seus pais, esteve com pouca demora nesta vila, acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso estimado amigo e assinante em Beja, sr. Francisco Maria da Cruz Martins.

Encontra-se entre nós o nosso particular amigo e assinante sr. Emilio Garcia Ramirez.

Tivemos o prazer de ver nesta vila, onde veio de visita a sua família, o nosso presado assinante e amigo, sr. Augusto Lima Centeno, Dig.^o Funcionário de Finanças em Lisboa.

Esteve entre nós, o sr. Claudio Matias de Oliveira, nosso presado assinante, em Lisboa.

Esteve nesta Vila de visita a sua Família e hospede de seu cunhado, sr. Diamantino Baltazar, o nosso presado amigo e assinante, sr. Adelino Duarte, funcionário dos C. T. T. em Lisboa.

Esteve nesta vila, o sr. Dr. Sezinando de Oliveira Rosa, nosso presado conterrâneo e assinante, residente em Lisboa.

Com sua esposa e filho, regressou da Índia, o Tenente sr. José Maria Adriano das Neves, genro do nosso presado assinante e amigo sr. Marcelino Ribeiro Fernandes, gerente da Agência do Banco Português do Atlântico, nesta vila.

Esteve na sua quinta, em Vila Nova de Cacela, o sr. Engenheiro Sebastião Garcia Ramirez, nosso conterrâneo e ilustre Deputado pelo Algarve.

Encontra-se entre nós, o nosso presado assinante e amigo, sr. Artur Aleixo Horta funcionário do Banco Nacional Ultramarino, em Vizeu.

Falecimentos

Padre Jorge da Circunscisão Leiria

Após prolongada doença que suportou com edificante resignação faleceu o rev. padre Jorge da Circunscisão Leiria, de 78 anos, natural de Faro, que, durante mais de 50 anos paroucou a freguesia de Nossa Senhora da Encarnação, desta vila. Dotado de excepcionais dotes de bondade, nutria pela população desta terra verdadeiro amor paternal, motivo por que a sua morte foi muito sentida.

D. Isabel Gomes Baptista Pádua

Na Avenida António Serpa, 34, rés-do-chão, esquerdo, faleceu em Lisboa, a sr.^a D. Isabel Gomes Baptista Pádua, de 69 anos, viúva, natural de Vila Real de Santo António, irmã do sr. Inácio Gomes Baptista, escrivão aposentado, e cunhada das sr.^{as} D. Aurélia Soares Baptista e D. Marina Marques Baptista.

No funeral tomaram parte muitas pessoas da colónia pombalina em Lisboa.

D. Maria da Graça

Em Lisboa, onde residia, faleceu no dia 19 a sr.^a D. Maria da Graça, natural desta Vila, casada com o sr. José da Cruz, (José de Lisboa).

Era irmã dos nossos assinantes srs. Artur da Graça, Manuel da Graça, João António da Graça e da sr.^a D. Antónia da Graça.

A's famílias enlutadas apresentamos os nossos sentidos pezames.

«Noticias do Algarve»

A todas as pessoas, a quem, por desconhecimento de nomes, ou por lapso não enviámos o nosso primeiro numero, pedimos que nos perdoem a falta e que não vejam no facto algum proposito de menos consideração.

Temos o maior empenho em endereçar o «Noticias do Algarve» a todos os nossos amigos, a quem agora o não fizemos, desde que nos forneçam os seus nomes e moradas.

Noticiário da Província

FARO

Asilo Santo Isabel

A direcção deste Asilo, de que fazem parte as sr.^{as} D. Maria Francisca Picoito, D. Justina Bairrão e D. Catalina Vaz Velho, tomaram a iniciativa de realizar, na Cêrca do Asilo, nos últimos dias deste mês, um festival nocturno. Espera a direcção referida que os farenses correspondam com a melhor boa vontade, auxiliando esta benemérita instituição.

Casa dos Rapazes

As Festas dos Santos Populares, que tiveram início na noite de Santo António, no Bairro do Bom João, repetem-se nos próximos dias 23, 24 e 28 do corrente mês, devendo a receita destes festejos reverter a favor do Instituto de D. Francisco Gomes, a popularíssima e útil Casa dos Rapazes, que se encontra instalada naquele Bairro.

TAVIRA

II Concurso de Pesca Desportiva

Se o I Concurso, realizado o ano passado, reuniu grande número de concorrentes, o que se realiza este ano, no próximo dia 12 de Julho, pelo grande interesse e entusiasmo que tem despertado, promete constituir um verdadeiro êxito.

A receita líquida apurada neste torneio desportivo destina-se ao Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Tavira.

LUZ DE TAVIRA

Electrificação

Foi autorizada a Câmara Municipal de Tavira a contrair na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência um empréstimo de 500 contos destinados aos trabalhos de electrificação desta importante freguesia.

ALFANDANGA

Inauguração da Esplanada Shell

O concessionário deste posto de abastecimento, sr. António Baptista da Fonseca, acaba de inaugurar, na área do mesmo, uma esplanada, tendo promovido, a propósito, na véspera de Santo António, uma simpática festa, que se repetirá nas noites de S. João e S. Pedro. Na organização destes festejos

têm colaborado os srs. Manuel Salvador Madeira Júnior e Fernando dos Reis, bem como um grupo de gentis meninas.—C.

ALGÔS

«Noticias do Algarve»

Foi muito bem recebido o aparecimento deste novo semanário algarvio, pois, o seu principal objectivo — fazer regionalismo — é digno da maior simpatia.

A tarefa a que meteu ombros é bastante ingrata, sendo dignos de muito apreço os que não hesitaram neste empreendimento, salientando, em especial, o meu caro e particular amigo Armando Rocha, sempre na vanguarda dos que não temem a incompreensão dos homens ou a sua indiferença.

Longa vida, pois, ao «Noticias do Algarve» são os meus sinceros votos.

Falecimento

Em Jazigo de família foi sepultado o grande amigo sr. Anibal Marreiros Mascarenhas, importante industrial e proprietário nesta região. Contava 93 anos de idade e era geralmente estimado pelas suas qualidades de carácter.

A seus filhos, D. Ana Marreiros Mascarenhas Trindade, D. Paula Marreiros Mascarenhas Sequeira Quintas, D. Maria Marreiros Mascarenhas e nosso querido amigo Diogo Marreiros Neto, bem como a seus genros, srs. Manuel R. C. Trindade e José Sequeira Quintas, apresentamos sentidos pezames.—C.

MONTE GORDO

Incêndio

Na passada quinta-feira, ao principio da tarde, manifestou-se incêndio no bairro pobre do «Sertão», em Monte Gordo. O fogo irrompeu a barraca de Silvino Teodoro Ferreira, engraxador, que foi devorada pelas chamas, e transmitiu-se às dos pescadores Armando da Rosa e José Estevão Martins, que ficaram parcialmente destruídas. O incêndio, causado pela imprevidência de uma cunhada do Silvino, que deixou um fogareiro acêso dentro da barraca, poz em graves riscos as cabanas do bairro, que na sua maioria são de colmo. Os bombeiros, cujos socorros foram para esta vila pedidos telefonicamente, evitaram que o sinistro tomasse maiores proporções. Os donos das barracas perderam os seus modestíssimos haveres, sendo os prejuizos calculados em 8.000\$00. Nada estava no seguro. A P. S. P. do Posto desta vila, compareceu no local.

Senhores Proprietários

Ao escolherdes um grupo para Rega—deveis preferir um WISCONSIN

PORQUE?

Porque possui motor WISCONSIN de mais baixa rotação 1.600 rotações por minuto

ISTO SIGNIFICA LONGA DURAÇÃO

POTENCIAS DE 2,75/4,3 H. P. e de 3,5/6 H. P.

MAGNETO ISOLADO DE ALTA CAPACIDADE significa arranque facilimo

CARBURADOR ZENITH ou STROMBERG representa grande economia de combustível

FILTRO DE AR a banho de óleo — Impede que as poeiras e areias penetrem no motor

UM GRUPO COM APERFEIÇOAMENTOS QUE NENHUM OUTRO POSSUI

AGENTES EM PORTUGAL

CASA CAPUCHO - Rua de S. Paulo, 113—LISBOA

Em Vila Real de Santo António

Agência Comercial e Marítima do Sul

Avenida da República, 65-66

TELEFONE N.º 76

HERNIA



DEVIDO AO SUCESSO OBTIDO EM TODO O PAÍS DURANTE OS ULTIMOS CINCO ANOS PELAS CINTAS SEM MOLA NEM PELOTA MYOPLASTIC KLEBER

Inventadas e fabricadas em França pelo INSTITUT HERNIAIRE DE LYON

As visitas do especialista delegado, terão lugar, desde já e sem interrupção, em todas as cidades e vilas. Não deixeis de ir visitá-lo, pois podereis fazer o ensaio da MYOPLASTIC, comparando-o com outro qualquer método de contenção

Daqui em diante todas as palavras são inúteis.

Com efeito, podereis verificar que, eficazmente contida, com suavidade e sem incomodar,

COMO SE FOSSE COM AS MÃOS

a vossa hernia não mais sairá. Podereis, como antes, dedicar aos exercícios e ao vosso trabalho toda a actividade, sem mais pensar na hernia nem na cinta. Visitas e demonstrações gratuitas das 10 horas às 12 horas e das 15 horas às 18 horas.

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — Farmácia Silva
Dia 25 de Junho (só de Manhã)

TAVIRA — Farmácia Eduardo Felix Franco

Dia 25 de Junho (só de tarde)

FARO — Farmácia Higiene — Rua Ivens, 22
Dia 26 de Junho

**Para si, minha senhora
As Novidades**

das Coleções «DE VERÃO»

por Noémia Gil Faria

DURANTE umas quantas dezenas de anos as colecções aparecidas nos meses de Maio chamavam-se colecções de «meia estação» e aí apreciavam as elegâncias para o outono, como os primeiros feltros, as primeiras lãs, os primeiros veludos. Este ano tudo se modificou. As colecções apresentadas tomaram o nome de colecções «de verão» e, realmente, o que apareceu foram vestidos para a estação calmosa, além daqueles, é claro, destinados à Coroação. (Não podemos esquecer que, um pouco por todo o mundo, se festejou com recepções, com banquetes e com bailes a Coroação de Isabel II.

Os vestidos «de verão» pouco diferem dos apresentados nas colecções da primavera. Apenas se confirmaram certas tendências, como a cintura um pouco subida e as saias travadinhas, tão travadinhas mesmo que temos dificuldade em subir para o eléctrico ou para o automóvel. As saias, ao mesmo tempo que se tornaram esguias, desceram bastante e, assim, vemo-nos obrigadas a ensaiar um passo miudinho, bem diferente daquele passo desembaraçado a que os últimos dezassete anos nos tinham habituado. Dezassete anos? Digo bem. Folheando velhas revistas de modas podemos observar que, de 1936 até meados de 1939, usámos estes mesmos modelos esguios, estas mesmas cinturas subidas, esta mesma altura do chão e esta mesma saia travada dos modelos de 1953. Para a ilusão ser mais completa, os chapelinhos são agarrados à cabeça e os cabelos penteiam-se da mesmíssima maneira.

Só numa coisa as duas modas diferem. No emprego do algodão. Podemos dizer que, na generalidade, todos os costureiros apresentaram modelos nesse tecido. A seda tenta, porém, fender-se — e de que modo! Há padrões mais lindos do que nunca e coloridos que são uma tentação; mas... nas montras das lojas. Nas colecções viu-se algodão, algodão e mais algodão. Seda, muito pouca. É certo que há tecidos que, de relance, nos enganam. É preciso tocá-los para nos apercebermos de que o seu brilho não quer dizer seda. Há «piqués» com flores estampadas (absoluta novidade) — muito bonitos — que mais parecem setim. Há «organdis» tão leves e tão sedosos como a mais delicada musselina.

Mas qual será, afinal, a vantagem de usarmos vestidos de algodão que imitam tão bem as sedas? Creemos que a chave do mistério está na voga do branco. O branco usa-se como nunca e quase todos os estampados têm o fundo nessa cor. Ora todas nós sabemos que o branco só é bonito quando de imaculada alvura. A mulher de 1953 sai, todavia, muito, sai quase todos os dias. Por outro lado, podemos dizer que não há casa remediada, por esse mundo fora, que não possua a sua máquina de lavar roupa. Poucos sedas resistiriam à lavagem, mas quase todos os algodões suportam, com facilidade, a operação. Daí a grande voga do algodão e a necessidade em que se viram os costureiros (que, no entanto, nunca se preocuparam com economias) de mudar de orientação. São hoje muitas as senhoras em todo o mundo, que, para acompanhar os maridos ou por dever de cargo próprio, tem necessidade de se apresentar elegantes (quantas vezes até para não rebaixarem o seu país!) embora não tenham grandes meios. Por outro lado, são cada vez em menor número as clientes milionárias. A moda de 1953 teve de se preocupar com esse facto e Lecomte, Patou, Rouf, Worth, Manguin, Schiaparelli, Givenchy, de Rauch, Lanvin, (Castillo), Ricci, Paquin, Desses, Montaigne, Griffe, Carven, e outros que agora não me ocorrem, apresentaram os seus mais lindos modelos — quase todos de saia e casaco — nos modernos e lindíssimos algodões.

Aquela mesma preocupação que nós tínhamos com as nossas garotas, de as vestir com tecidos facilmente laváveis e de duração, têm hoje, para conosco, com ternuras de papás, os magos da costura.

Sorrimos à lembrança do que dirão da nova moda aquelas modistas que ainda há dois ou três anos nos diziam, enfatuadíssimas!

— «Nunca tomo conta de vestidos de algodão. Isso é bom para as costureirinhas baratas...»

(Da Agência ANI)

Este número do «Notícias do Algarve» tem 8 páginas e foi visado pela Comissão de Censura.

Vila Real de Santo António

POUCO se tem escrito acerca de uma das mais jovens vilas desta provincia algarvia: Vila Real de Santo António. Ela está situada no extremo da planura que vem do Algarve-sera até às margens do Guadiana.

A sua posição geográfica, junta à foz deste rio, um dos três maiores que nascem em Espanha e por ela rastejam quilómetros e quilómetros, antes de se lançarem em terra lusa, parece, de longe, superior à que disfruta a fronteira cidade espanhola, e andaluza, de Ayamonte, erguida mais ao norte, na outra margem.

Quem vem, pela primeira vez, a esta localidade, fica agradavelmente surpreendido com a simetria das suas ruas, largas e arejadas, bem calçadas e limpas. A maioria dos seus prédios são, mesmo aqueles que se acham situados nas principais ruas, de um só piso. No entanto, a Praça Marquês de Pombal, bem como a Avenida da República, têm as típicas edificações pombalinas (e na quase totalidade construídas na época do famoso primeiro-ministro de D. José I) de primeiro andar e janelas das águas-furtadas, que lhes dá um vistoso conjunto.

Outra rua bonita, e pouco vista em terras portuguesas, tendo o piso de mosaicos com motivos alegóricos às indústrias locais (pesca e conservas) é a Rua Teófilo Braga, mais conhecida por «Avenida». E' nela que se situa a maioria dos estabelecimentos comerciais desta vila. Ela oferece à petizada, pela amplitude e segurança contra desastres, um amplo local onde os pequeninos seres espalham, na alegria das suas brincadeiras, a certeza de que no Mundo ainda existe Amor e Paz!

Vila Real de Santo António é eficazmente protegida, contra todos os assaltos e violências do mar-oceano, por esse imenso mar verde dos pinheiros da Mata Nacional, sempre verde de esperança, quase sempre abandonado de calor humano... E faz pena verificar que poucos reparam na imensa riqueza, para a própria saúde, ali abandonada ao carinho do sol ou ao desafio dos ventos...

Como todas as vilas novas, não se encontram aqui motivos históricos que possam prender os anseios dos que se interessam por estas coisas. Nem ornamentam as ruas ou avenidas monumentos de qualquer valor com excepção do obelisco existente na Praça Marquês de Pombal. Todavia, quem não se sente embevecido, ao contemplar a vista da outra margem do Rio Guadiana, da janela de qualquer habitação da Avenida marginal, especialmente do Hotel Guadiana? Quem poderá ficar indiferente, ante a beleza panorâmica que os olhos devoraram, no cimo do Farol Semafórico de um lado, o Guadiana e, para além dele, Ayamonte, Canelas e, ainda, Isla Cristina (a velha Higuêrita, ou Higuêrita, que os habitantes de Monte Gordo ajudaram a construir); do outro, ao norte, o imenso casario branco desta po-

Bom Humor

O pai da Julinha, para o namorado da filha, que há oito anos a namorava sem falar em casamento!
— Olhe lá. Você anda a namorar a namorar a minha filha com bom ou com mau sentido?
— O senhor quer dizer que eu posso escolher?...

voação algarvia; para sul e poente, o lençol do verde de várias tonalidades, dos pinheiros, a perder de vista, e o Atlântico a servir de pano de fundo da paisagem!

No amplo estuário do Rio, ou no cais do porto, passam por

cujos serviços, bem como os de energia eléctrica, foram municipalizados; um porto marítimo, que só é pena não ser mais extenso e completo; um sistema de esgotos, cuja terceira parte ficou por realizar; uma ampla Avenida, que igualmente ficou a



Praça Marquês de Pombal

ano muitas centenas de vapores de carga, nacionais e estrangeiros, que vão ao porto interior do Pomarão carregar o minério da Mina de S. Domingos ou, aqui, os produtos produzidos no Algarve, especialmente figo, alfarroba, cortiça e conservas.

Vários melhoramentos têm sido feitos aqui, entre eles o Balneário Público, de grande utilidade para a população e, também, para muitos de «nuestros hermanos»; o abastecimento de água,

meio da sua realização, etc. etc. Mas, se é de louvar estas obras, que honram uma terra, é, também, necessário que o muito que falta ainda seja feito! Isto para bem de todos que a habitam e, também, que aqui se desloquem. As obras que se façam a bem das terras e dos homens, ficam! E quem promover a sua efectivação, merece a simpatia e a admiração de toda a gente!

9-6-1953

Ilídio Guimarães

GAZETILHA

ARRAIAL

Dos três Santos Populares São João tem mais cantares que São Pedro e Sto. António, tem mais encanto nas modas e mais bulício nas rodas, às quaiçó falta o harmónio...

Nas noites Sanjoaninas não há moças ou meninas que a sua «sorte» não tentem: copos de água, escuridões, alcachofras, meios tostões, nada há que não experimentem.

Noutros tempos, noutra idade, as festas, praza a verdade tinham mais brilho que estas, muitos mastros, luz, verdura e alegria com fartura; bons tempos e ricas festas!

Este ano o mastro primeiro subiu-o mestre bombeiro com foguetório a granel; quem quer bailar um bocado e ver o mastro enfeitado, paga, mas ergue um quartel...

BIN OCLO

Incidente de Coimbra

Registamos com inteira satisfação pelo movimento de justiça que representa, o inquérito ordenado pelo Governo quanto ao incidente ocorrido nas Festas da Queima das fitas, em Coimbra, entre os estudantes e a força pública.

Não sabemos, nem nos interessam os resultados. Apenas estamos certos de que por certo se fará justiça. «A justiça é a mãe da paz pública e da ordem privada».

CARTA DE OLHÃO

Meu prezado amigo,

Foi com profundo prazer espiritual que recebi a sua estimada carta, e, com ela, o honroso convite que me faz para colaborar no primeiro passo da sua agigantada realização, que é, sem dúvida, a publicação de um órgão de imprensa no Algarve.

Noticiário desta nobre vila? Que posso eu dizer-lhe que não vá ferir a susceptibilidade de uns, a má crença de outros, a vaidade de alguns e o egoísmo de outros tantos?!

Fazer jornalismo, na verdadeira acepção do termo, despido da ignominiosa sanha de capciosismo e do indispensável elogio que a Humanidade de hoje (e porventura de sempre!) deseja, venera e quer, não é fácil ao meu temperamento, tão contrário em tecer benesses imerecidas, nem representará vantagem para qualquer empresa que deseja triunfar comercialmente.

Tenho comigo a noção exacta, filha de uma experiência bem cara, de que o jornalismo, além de ser, primeiro do que tudo, uma missão ingrata, é, indiscutivelmente, uma escola objectiva permanentemente ao serviço de causas justas, independente dos homens ou das ideias, alheia à acção depressiva da intolerância religiosa ou da suspicacia política. Terá de ser, para classificar-se de jornal, sobretudo, construtivo. Mas não se creia, — e é este precisamente o erro dos homens! — que construir seja erguer para cada indivíduo, ou para cada grupo, um pedestal de Glória que confunda o justo com o injusto, o

por Mário Gentil-Homem

bem com o mal, o merecimento com o crime. Isso, a meu ver, seria destruir os verdadeiros alicerces de pureza em que se baseia a sociedade dos homens honrados. Na ância de construir assinantes e amigos, no sentido comercial, não me admira que possa haver quem contribua para um desacerto tão notório da boa harmonia social, transformando em indigência confrangedoramente injusta a nossa produtividade literária.

Nesta renhida guerra de pena, que é a imprensa, a que muitos ficam indiferentes, existe um objecto de raro valor, que se chama o coração do jornalismo. Embebido nas suas quimeras; alheio a esperanças do futuro; distraído, até, da sensação dolorosa dos seus males; cultivando a arte com carinho; sentindo, aqui e além, a dor alheia, é o coração do jornalista, com a instintiva repugnância de práticas afitivas e cruéis, que procura construir, (e constrói mesmo!) páginas imorredoiras de beleza e de amor pelo próximo. E' o jornalista — o sempre incompreendido artista — atento aos problemas das letras, da ciência e da arte, da história e dos costumes dos povos, quem, com a sua positividade filosófica e a clareza e desassombro da confiança em si próprio, e na verdade que defende e que ressalta do seu gráu de cultura, de olhos postos no progresso e no bem, dá ao noticiário um aspecto tão claro, desempoeirado, forte e salutar, que

faz daí resultar que haja quem pense que no peito lhe não bate um coração humano. Personalidade; ância de justiça para os pobres que sofrem; respeito a si próprio e à causa justa que defende, são factores bem diferentes que em nada podem confundir a beleza dos seus dotes sentimentais.

Cultivando sempre as mais triviais regras da lógica e a exacta investigação, e apreciação dos factos, esclarecendo a opinião pública com tranquila consciência dos limites legais — rejeitando a cavilação, o sofisma e a impostura — consegue o jornalista tornar os problemas populares, submetê-los à apreciação superior — para que tenham solução.

Eis, prezado amigo, porque, profundamente ferido pela incompreensão dos homens, me assaltou um justificado receio de voltar a fazer jornalismo, quando recebi a sua honrosa carta.

Mas a certeza numa finalidade sã do «Notícias do Algarve»; os laços de amizade que nos unem; o valor que dou a quem se mete em tão espinhosa empresa; o respeito que devo à arte que cultivo; a simpatia que dedico a esta vila, que muito estimo, fazem-me desistir do intento de alhear-me do vício de escrever, mandando-lhe, por agora, estas modestíssimas e desprezíveis linhas, prometendo-lhe, para breve, algumas notícias para Olhão e para o seu jornal, que, muito do coração, desejo tenha vida próspera, para bem desta primorosa provincia.

CARTAS DE RODOLFO RUIZ

Estoril
Meados de Junho
Meu caro Zé,

JANTEI no sábado passado no «Dorchester» com o nosso comum amigo Túlio Telles, chegado horas antes de Lisboa. Por êle soube que no Estoril, na véspera, a temperatura atingira brilhantemente os 30 graus. Que delícia! Senti pelas veias um suave correr de sangue mais quente... Em Londres o mercúrio nos termómetros, numa teimosia toda britânica, estacionara havia uma semana na casa dos 9. De arrepiar! Que coisa horrível Londres, que coisa deliciosa o Estoril!... Cerrei as palpebras e revei durante uns segundos — enquanto o criado me enchia novamente o copo de um «chablis» sublime que acompanhava um sublime «homard à Richelieu» — um Portugal todo quentinho, dormindo lânguidamente, sob um céu tido azul, embalado docemente pelo marulhar manso de ondas inofensivas lambendo sofregamente areias douradas de praias sonolentas. Tive então uma saudade intensa da Pátria distante! O «Borgonha», mais aveludado que o manto imperial da Coroação, que me foi servido a seguir, para fazer as honras a um «tourneado à Brillat de Savarin», exacerbou essa saudade ao máximo. Desejei a Pátria e o Estoril como os Templários desejaram outrora Jerusalem e o Santo Sepulcro! Ao café uma «Fine Napoléon» deu a solução que eu ansiava: partir para Portugal...

Quarenta e oito horas depois o aeroporto da Portela via desembarcar um passageiro com sobretudos e mantas pelos braços mas desabotoando já os botões do colete para melhor aspirar a brisa cálida que soprava. O passageiro era eu.

Depois de um duche tépido e reconfortante, em chinelos de ourêlo e com uma fresca cabaia chinesa envolvendo-me lentamente o corpo moído, ageitei-me regaladamente num cadeirão de verga da Madeira no pequeno balcão do meu quarto de hotel. Estava enfim no Estoril! Espraiei em redor um olhar interessado. Em baixo aos meus pés estendia-se um relvado muito verde todo recortado de arabescos coloridos que eram canteiros onde floriam rosas de todos os tons. Dois longos renques de palmeiras tropicais — um de cada lado — enfileiravam magestosamente ao longo do lindo parque; ao topo o casino de linhas exóticas tinha em todos os mastros bandeiras alegres que ondulavam alegremente; no outro extremo estava o Atlântico, mas um Atlântico muito quieto e sossegado com as ondas cançadas da longa travessia desde as Américas, a desmaiarem, languidas e dolentes, pelas praias fofas. Ao longe a mancha policroma do casario de Cascais mirava-se airosa e «coquette» na translucidez profunda e límpida da baía, e em cima muito ao alto, tudo cobrindo de paz e de doçura, este abençoado céu de Portugal!

Soltei um suspiro de puro gozól Nisto, um criado de quarto veio-me trazer os jornais da tarde, dizendo-me gravemente e com profundo conhecimento da marcha de assuntos internacionais: — «Parece-me que temos armistício na Coreia!»...

Estive para o insultar mas, pa-

ra não o magoar e ainda porque me repugnava mostrar a este erudito homem que as coisas palpitantes da Coreia pouco me interessavam murmurei vagamente um «parece que si», e desdobrei molemente o periodico. Todavia assim que o mariola saiu eu ia logo arremessar para longe, com tédio e com enfado, as notícias da Havas e da Reuter, quando um nome numa local me fez estacar com curiosidade e com alvoroço. O nome era o seguinte: Francisco de Carvalho e Rêgo e a local rezava assim:

É já esta noite que no Museu Nacional de Arte Antiga o distinto orientalista e homem de letras Francisco de Carvalho e Rêgo, faz a sua conferência subordinada ao título. — APONTAMENTOS SOBRE A PINTURA CHINESA. UM QUADRO DO JESUITA CASTIGLIONI (LONG-SAI-NENG).

Ora, eu supunha o meu velho amigo Carvalho e Rêgo na China, em Macau, em Xangai ou Pequim, mas ei-lo que me surge subitamente em Lisboa e a fazer uma conferencia no velho Museu das Janelas Verdes sobre arte chinesa!

A minha amizade por Carvalho e Rêgo data da primeira vez que o vi. Foi em 1919, em Paris e no hotel «Drouot». Estava em exposição nesse dia, nesse velho palácio das almoedas, umas dezenas de vasos e de jarras chinesas, peças lindas e raras do tempo dos Mings e dos Kien-Lungs. Era uma colecção de al-

to valor que fazia parte do espólio dum industrial riquíssimo, falecido semanas antes, e que desinteligencias entre os herdeiros iam fazer dispersar aos quatro ventos ao sabor dum martelo de leiloeiro. Acontece que eu sempre tive um carinho especial pela arte chinesa, aberração nascida talvez do facto de existir na minha velha casa á Rua dos Caitanos inúmeras reliquias em porcelana, em jade e em marfim, trazidas por longiquos antepassados do longiquo Oriente em eras muito antes de eu nascer. Não podia portanto faltar á exposição e, lembro-me perfeitamente, foi justamente ao apreciar mais de perto uma deliciosa jarra «sangue de boi» que ouvi murmurar mansamente ao meu lado e em portuguêsissimo português um «Que maravilha!» que me fez virar ligeiramente a cabeça. Um homem, pouco mais ou menos da minha idade, com um sorriso delicioso, perguntou-me então, o mais naturalmente possível: — «Não acha?»

Era Carvalho e Rêgo. Jantamos juntos nesse dia e em muitos outros dias seguintes. Falámos longamente da China, dum China que êle conhecia como os seus dedos. Despachado, ainda novo, como professor para Macau por lá se quedara extasiado e embevecido com os costumes e com as tradições desse povo coevo de Semiramis e dos Jardins Suspensos da Babilonia. De vez enquanto vinha até à Europa, para fazer um mergulho reconfortante nos usos e nos costumes Ocidentais, a fim de não se desnacionalizar de todo, mas depressa voltava ao Oriente onde tudo era diferente e diametral-

(CONCLUI NA 8.ª PÁGINA)

Crónica de Lisboa

É BARATA A FEIRA

OS LISBOETAS têm novamente o seu divertimento preferido. A Feira Popular.

Como boa alfacinha que sou, logo no segundo dia fui à Feira, com um grupo de rapazes e raparigas e os respectivos progenitores.

Tinhamos combinado, reunirmo-nos à porta da Favorita às 10 horas, chegamos com 20 minutos de atraso, uma ninharia.

Mas os outros, não há bicho pior que os outros, não estavam lá, apareceram meia hora mais tarde. Dizem êles, que tinham chegado primeiro, que estavam fartos de esperar, que por fim tinham ido dar um voltinha.

Ao fim de muitas andanças conseguimos reunir a caravana, e partimos em busca de novas terras.

As paternidades, iam à frente a abrir caminho por entre a multidão, as mães viravam-se constantemente para trás:

— Oh! meninas, tenham cuidado não se percam. Vejam lá.

E daí a bocadinho novamente.

— Não se afastem. Tatá segue sempre o meu casaco encarnado. Oh! Milu não te distraias.

— Era um aborrecimento se nos perdíamos, dizia a minha mãe.

— Tomem cuidado!

E nós todas como se fossemos uma só.

— Sim mamã.

Chegamos ao lago, a primeira encruzilhada a que passávamos. E asseguro-lhe que não foi

FOR
VERA PONCE DE LÉON

nossa a culpa, se nos perdemos. Ainda estou para perceber porque é que os graudos, foram para aquele lado. Nenhum de nós é esquerdista Credol! Longe vá o agoiro. Enfiámos pois o mais rapidamente que nos foi possível, naquele belo arruamento que se nos abria á direita.

Depois, foi um não acabar de divertimentos, automoveis, chicote, carroussel, estávamos no principio do mes, os pais tinham sido generosos, as carteiras estavam recheadas.

Andámos a seguir na maior novidade de 1953 na Feira Popular, os aviões, e não enjoamos.

Tivemos medo de ir no comboio misterioso.

Mas a Milu, intrépida e corajosa quiz ir.

Sau de lá muito agarradinha á manga do casaco do Quim.

— Então que tal? Perguntamos.

Ela ainda corada, «do susto», respondeu.

— Foi bom...

A caravana dirigiu-se então para a Montanha Russa, onde a Tatá atordoou os ares, com os seus gritos estridentes.

Ao seu lado estava sentado o nosso amigo, classificado por nós raparigas, de muito giro, metro e oitenta, musculoso, cabeleira ao vento.

Condoído da aflicção da moça, passou-lhe o braço de hercules em volta dos frageis ombros. Tatá ainda estremecendo, escondeu a cabecinha graciosa no peito do moderno gladiador.

Mais tarde, muito mais tarde voltamos á Montanha, o jovem Hercules ficara numa das esplanadas a conversar com uns colegas.

A nossa estérica amiga, quiz andar uma segunda vez. Disse-mos-lhe, que não, que era melhor não ir, sendo ela tão nervosa... Insistiu, xangamo nos, tornou a insistir e lá foi. Foi e não gritou. Acontece que ia sentada ao meu lado, e que eu não tinha bigode, nem braços musculosos.

— Mas, isto é má lingua, possivelmente foi apenas o medo que lhe paralizou a voz.

Depois, encontramos os pais, entretidos numa competição renhida de tiro ao alvo, que parecia não mais acabar.

— Faltam só três trrinhos para acabar a caixa. Então vá lá, faça os cinquenta escudos.

As mães pregarat-nos um sermão.

Como se fosse nossa a culpa, estar a Feira repleta de gente, e só agora os termos encontrado. Nós, que tínhamos passado toda a noite, á procura deles.

— Coitadas das pequenas, interrompeu o meu pai, que era um bom camarada.

— Vamos mas é comer uns cachorrinhos, e depois então para casa.

— Cachorros, indignou-se a mãe da Tatá. A esta hora.

— É tardíssimo!

Grande discussão, por fim prevaleceu a opinião do meu pai, apoiado pelas nossas lamurias e lá fomos aos cachorros quentes.

Quando saltamos da Feira a mãe da Tatá ainda rabujava.

— É tardíssimo, e depois com um frô destes e uma ventania infernal.

(CONCLUI NA 7.ª PÁGINA)

(CONCLUI NA 7.ª PÁGINA)

CASTRO MARIM

É um dos concelhos Algarvios mais antigos, pois data de 1277

A PESAR da sua enorme área e da necessidade imperiosa que ainda tem de vias de comunicação para servir vários lugares de somenos importância, possui presentemente uma bela rede de estradas e caminhos vicinais, que liga a sede do Concelho tanto á das suas Freguesias, como a todos os grandes aglomerados populacionais.

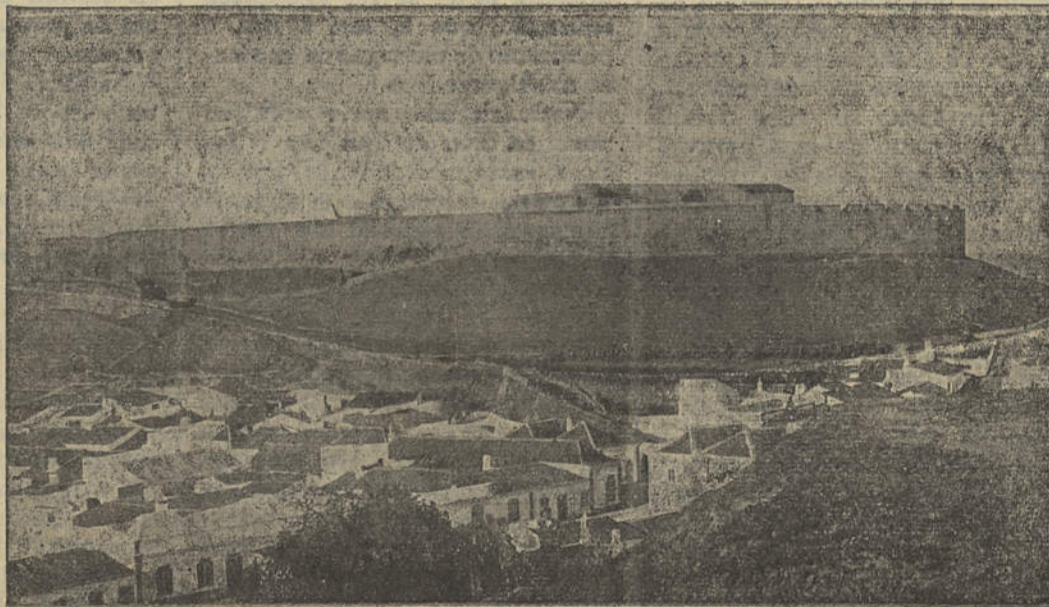
Torna-se evidente o desenvolvimento do Concelho, imprimido pelo seu Município, nestes últimos anos, pois tem seguido uma época de actividade quer construtiva quer reconstrutiva, que bem merece os encómios dos seus munícipes pela graça que Deus lhe deu de ter á sua frente pessoas cuja competência é indiscutível e servidores que a honram, sem os quais talvez não fosse possível tão grande incremento.

Compõe-se o Concelho de três Freguesias: Azinhal, Castro Marim e Odeleite. Em todas elas, tem-se feito melhoramentos importantes como sejam:

Construção de Estradas e caminhos vicinais numa extensão de mais de 15 quilómetros, e reconstrução e reparação de estradas e caminhos vicinais numa extensão de mais de 29 quilómetros, empregando-se nestes serviços quasi mil e duzentos contos; construção e

reparação de fortes e poços públicos; construção de pontes; calçamento e reparação de arruamentos; reparação de edificios públicos. Dotou-se a sede do Concelho com rede de distribuição domiciliar de água potável numa extensão de aproximadamente a 6.000

se tratar de um Concelho estruturalmente agrícola, tornou-se necessária a criação de novos mercados que bastante tem contribuído para o desenvolvimento do comércio local e onde se verificam sempre grandes transações entre proprietários e compradores de gado.



Castro Marim — Vista parcial, vendo-se ao fundo o castelo

metros de conduta; construiu-se um mercado abastecedor, também na Vila, que ultrapassou em muito duas centenas de contos; foi dado grande impulso ao ensino e é bem digno de se registar o emprego de quasi seiscentos contos entre as escolas construídas ao abrigo do Plano dos Centenários e as outras feitas directamente pelo Município; procedeu-se á instalação de um telefone na sede da Freguesia de Azinhal, aguardando se, ainda este ano, a elaboração do ante plano de urbanização da Vila. Por

Não se pode deixar de frizar aqui, que a exportação dos seus frutos e produtos agrícolas é tão grande, que quasi se torna impossível traduzir em números o seu movimento. Todavia, também tem as suas industrias, sobretudo de sal, cerâmica, cana, ferramental agrícola, confecção de sacos e panos de linho, mantas, etc. Mas, apesar do que fica dito, não queremos deixar de transcrever nas colunas deste jornal, algumas das aspirações e necessidades mais urgentes do

(CONCLUI NA 7.ª PÁGINA)

(CONCLUI NA 7.ª PÁGINA)

Presidentes de Câmaras

A MELHOR coisa que pode acontecer a um Concelho, independentemente das simpatias e favores dos Poderes Públicos, é ter à sua frente um bom administrador, rodeado de boa gente — gente com capacidade de trabalho, com amor à terra, com brio, isenta de interesses mesquinhos e disfrutando do prestígio necessário para não ser troçada ou desprezada por aqueles a quem administra. É um ponto muito delicado este da governação municipal e temos que reconhecer que nem sempre aparecem as pessoas que deviam aparecer, ou porque lhes escasseia entusiasmo, ou porque não querem acamaradar com colaboradores que lhes desagradam, ou porque não estão dispostos a trabalhar em benefício da comunidade. Estes indivíduos no geral pretenciosos, egoístas, críticos derrotistas, impertinentes, obstaculizando tudo e não favorecendo nada, não interessam à colectividade. São elementos de desprestígio concelhio e, mais do que isso, elementos nefastos a qualquer sistema de governação.

Nas minhas frequentes andanças pelo País tenho encontrado estes dois tipos de administradores — os bons e os maus. Destes últimos não vale a pena ocuparmo-nos. Creio mesmo que, finda a sua rege-doria, ninguém mais se ocupará deles e quando o fizer será em termos pouco lisonjeiros e pomposos de desprezo. São indivíduos que se afundam pela caixa do ponto como certas peças detestáveis que o público pateia. Não podem esperar nunca uma palavra de simpatia, uma manifestação de reconhecimento público. Pois se eles não só não fizeram nada como passaram o tempo a denegrir o que outros fizeram ou tentaram fazer!

Dos presidentes de Câmaras que eu conheço — e são tantos! — um há que tem realizado uma obra que devia ser vista por todos os presidentes de Câmaras de Portugal para aprenderem o que é governação municipal, o que é amor à terra e aos seus conterrâneos, o que é aquilo que tanto escasseia hoje e que outrora, quando havia menos egoísmo

COLUMBOFILIA

Grupo Columbófilo Guadiana

Vila Real de Santo António

No passado dia 6 do corrente foi organizado um concurso de pombos correios, com solta em Alcabete (Espanha) para o nosso país, tendo concorrido os sócios do Grupo Columbófilo Guadiana.

Prova dura e difícil em que estes alados tiveram de percorrer a distância de 511 quilómetros até atingir Vila Real de Santo António.

Foi vencedor desta prova, nesta vila, um pombo do sr. Dr. Manuel Vargas, que cobriu esta distância em 1 h, 49 m. e 23 s., com a média horária de 43,228 quilómetros, seguido pelo 2.º, propriedade do sr. Joaquim Roque com a média horária de 29,782 quilómetros.

Concurso de Evora — 157 kilóm.

No dia 14 do corrente efectuou se a prova de pombos correios de Evora-Vila Real de Santo António, foi ganha pelos pombos pertencentes aos srs.:

- 1.º—Francisco de Jesus, em 2^h, 01^m, 17^s
- 2.º—António Vicente, em 2^h, 24^m, 24^s
- 3.º—Joaquim Roque, em 2^h, 27^m, 14^s

e mais vergonha, se chamava brio!

O presidente da Câmara em causa é José Rufino — um nome plebeu, desprezencioso. Este homem que há não sei quantos anos é presidente da Câmara de Alijó, tem levado a cabo uma obra que dentro das proporções modestas do seu Concelho, não tem par no nosso País. Ele cuida de tudo — construiu um hospital que é útil, ao contrário de outros que não servem para nada; construiu uma pensão decente onde se está tão bem como num hotel; construiu uma cantina-escolar que serviu de modelo a outros Concelhos onde a assistência é efectiva e não apenas teórica; reformou e alindou Alijó, tornou a sua terra admirada e apreciada.

Não sei se alguns dos que me têm conhecido ou conhecido Alijó. É uma terra modesta, perdida lá para Trás-os-Montes que não tinha, há duas dezenas de anos, qualquer atractivo ou comodidade que a recomendasse. Hoje pode-se lá ir.

A civilização entrou nela através do homem que, com uma devoção rara, um entusiasmo impar, sacrificando a sua saúde e os seus interesses pessoais, pôs acima de tudo os interesses da terra onde nasceu, os interesses dos seus concidadãos. É certo que só pôde realizar uma obra de tal envergadura conservando-se durante muitos anos à frente do seu Município, o que lhe deu tempo para estudar e resolver todos os problemas.

Se assim não fôra Alijó se-

Um exemplo a seguir

Foi há dias inaugurada uma escola que certa firma industrial construiu para os operários das suas fábricas.

Exemplo magnífico este, em que a entidade patronal não esquece a elevação do nível intelectual da sua principal fonte de riqueza: — o seu pessoal. Realmente não há que pensar apenas no operário como fonte de trabalho; a instrução é um tesouro de que o trabalho é a chave.

Perrolas & Soares, L. da

Pescarias e Mariscos — Conservas



Comissões e Consignações

RESIDÊNCIA 100
Têlef. } PERMANENTE 55
ARMAZEM 200

APARTADO 12

Vila Real de Santo António

EXCURSÃO DA F. N. A. T.

A ITALIA

«A F. N. A. T. organiza por ocasião da Feira da Agricultura em Roma uma excursão para os associados e suas famílias nos dias 1 a 30 de Agosto próximo, visitando à ida Coimbra, Guarda, Salamanca, Burgos, S. Sebastian, Biarritz, Lourdes, Toulouse, Montpellier, Marseille, Nice, Genova, Pisa e Roma (7 dias de permanência).

O regresso é feito por Assis, Florença, (2 dias), Padua, Veneza, (2 dias), Verona, Milão, Turim, Grenoble, Avignon, Perpignan, Gerona, Barcelona (2 dias), Lerida, Saragoça, Madrid (2 dias), Oropesa, Mérida, Estremoz e Lisboa.

A inscrição pode ser feita na Sede da F. N. A. T. Calçada de Santana, 180, onde se prestam todos os esclarecimentos.»

ria aquela aldeola, com categoria de vila, que todos evitavam porque nada a recomendava à curiosidade alheia.

Muito facilitado foi o trabalho de José Rufino pelos seus conterrâneos. E' que estes, gente modesta e boa, em vez de intrigarem, obstaculizarem, andarem pelos cafés a espairecerem em maledicência a sua ociosidade improdutivo, deram-lhe o seu apoio e em tudo o favoreceram para que ele fosse útil à sua terra e ao seu País.

Este exemplo de José Rufino deve ser copiado por outros seus colegas, e copiado merece ser também o apreciável grau de civismo dos alijosenses. A intriga, a maledicência e a ociosidade só interessa aos ineptos e aos maus, aos que não fizeram nem deixam fazer. São elementos daninhos, de desagração social que desprestigiavam aquilo que dizem servir e dos quais as populações se desejam ver livres com toda a pressa.

Façamos votos para que o exemplo do esforçado e honrado presidente da Câmara de Alijó aproveite aqueles Municípios onde nem sempre as coisas correm como deviam — em grande parte porque ao interesse comum se sobrepõem vaidades feridas e impertinências que nenhuma pessoa normal está na disposição de suportar quando estão em causa os interesses de um Concelho.

José Barão

JOÃO DE DEUS

Sempre simples, sempre modesto,

acima de tudo sempre Génio

por J. A. Mendes Leal

JOÃO foi o seu nome, de Deus o seu apelido, para Deus a sua alma.

Vivendo num século constelado, em que o Génio se cruzava no Chiado, a Luz que dele emana é diferente de todas as outras luzes que o rodeiam. Claridade magnífica que ofusca e deslumbra, que



contrasta estranhamente com todas as outras claridades.

Junto da luz vermelho-penetrante do sarcasmo, do azul-esbatido do drama e da tragédia, do negro-brilhante do realismo, ele foi o branco suave e claro da pureza.

«Campo de Flores» é um campo de esquisitas flores, que

não morrem nem fenecem, sempre vivas, sempre coloridas, eternamente flores.

Quando a mocidade de Portugal desceu em peso a Lisboa para lhe prestar homenagem — preito dos homens do futuro — foi o próprio Futuro que humildemente se chegou à sua porta e se curvou perante o Eterno. Essa foi a maior manifestação que jamais em Portugal se prestou a um Artista ainda vivo, e ele foi dos maiores que aqui encontram a paleta e o pincel da sua sensibilidade.

Se um louco vendavel de esquecimento varresse, para sempre, das nossas memórias quanto em Portugal se tem escrito em verso, e se esse mesmo vendaval deixasse escapar, por milagre, Camões e João de Deus, a Poesia portuguesa teria guardado os seus dois gigantes.

Camões foi o cantor das glórias marítimas de Portugal, o Poeta do Século e de que o Século precisava, foi o Génio maior de quantos em terra lusitiveram o berço.

João de Deus, o Homem e o Poeta, o Poeta de qualquer Século...

Sobre a nudez diáfana da Vida, o manto forte da Alma; dessa Alma onde João de Deus foi buscar a estranha pureza de quanto escreveu, a mística transparência de quanto saíu da sua pena.

Ele foi um simples, amando à Vida e a Deus, amando os homens por amor de Deus. E os seus versos são ele mesmo, na sua simplicidade, na sua pureza, em todas as qualidades que fizeram dele mais do que um homem: um Homem.

A Mocidade do seu tempo, que ainda teve a ventura de o conhecer e de o ver, de admirar na sua cândida figura os traços sensíveis da Perfeição, foi uma bem feliz Mocidade. Ela pôde vir em romagem até à sua casa, pôde aguardar junto da sua janela a sua aparição, pôde lançar aos seus pés as capas negras que os seus ombros também haviam sustentado. Pôde guardar aquele religioso e impressionante silêncio que o Superior instintivamente impõe, e pôde romper em ruidosas manifestações que são a descarga inevitável da extrema tensão que segue ao respeito desmedido. Feliz Mocidade, digo eu que não tive a ventura de ser uma sua parte.

(CONCLUI NA 7.ª PÁGINA)

UMA AVENTURA MUSICAL

II

pelo Dr. F. FERNANDES LOPES

ENVIANDO de Olhão ao Marquês de Cuevas no Avenida Palaceas duas partituras dos meus bailados *Mélos* e *Colombo*, conforme o combinado, explicava-lhe eu em carta que, no caso de a música do *Mélos* lhe agradar, mas ser para ele um óbice o argumento de *Marie-Laure*, eu poderia facilmente aproveitar a música, adaptando-a devidamente a outro assunto, qual seria, por exemplo, um que já trazia em mente, o da fada *Melusina*.

E como, de facto, me foi possível seguir a Lisboa, logo no sábado depois de chegar o fui procurar ao hotel.

Estando ainda no quarto, pediu-me que subisse e afavelmente me recebeu e estivemos conversando. Não queria nada com *Marie-Laure*... (ignoro se terá tido com a Viscondessa algum desaguado naquele meio parisiense tão superficial quão complicado...); de modo que haveria que optar por *Melusina*; e precisamente, acrescentou, a princesa Bibesco tinha um argumento sobre a magnífica fada.

Dêscemos no elevador, queixando-se-me ele de que devia sofrer do fígado, certamente pela vida agitada e cheia de irritações que levava... De facto, o Marquês, apesar da sua vivacidade nervosa, é uma pessoa magra, emagrecida, gasta, de aspecto consuntivo, qualquer que seja a causa...

Ao sairmos no rez-do-chão apresenta-me ele a uma senhora já idosa, pesada, elegante todavia quanto o pode ser uma *vieille grande dame* apoiada à sua bengala: era a princesa Bibesco pre-

cisamente. Apresentação sumária, em termos familiares em que me dá como médico, historiador, etc. e *le musicien de Mélusine*.

Eu observo qualquer coisa à princesa a tal respeito, mas ele senhoral, afável e... paternal enxotou decisivamente a minha glosa em termos de grande intimidade...

Todavia dizendo-me a princesa que muito gosto teria na colaboração, não quis deixar de lhe explicar que de há muito a lenda histórica da fada me interessava e que até por sinal uma das minhas cinco filhas se chamava *Melusina*, — pois as outras eram a rainha *Belkiss*, a deusa *Isis*, a pastora bíblica *Raquel* e a cantora moira *Selma*...

Separámo-nos, depois de eu ter combinado com o Marquês o fazer-lhe ouvir a música do *Mélos*, pois o *Colombo* o poderia levar consigo para Paris, a fim de o ouvir pelo seu pianista à sua vontade, entendido também que, como lhe aprouvesse, caso lhe interessasse, o poderia aproveitar total ou parcialmente...

Quanto à música do *Mélos*, eu ia pedir ao maestro Ruy Coelho, meu velho e fraterno amigo, que de resto já lera a música ao piano, para lha fazer ouvir. E assim, telefonando logo ao Ruy e acedendo ele do melhor grado por amizade por mim (pois o Ruy tem outro conceito destes internacionais empenheiros...), e combinada a audição para o dia seguinte no piano da sala de ensaios do Teatro de S. Carlos, ali o aguardámos e ali ele veio com

(CONCLUI NA 7.ª PÁGINA)

Drogaria Algarve

FERRÁGENS - DROGAS - TINTAS

Agente de Estanho e Soldas

«MOUQUIM»

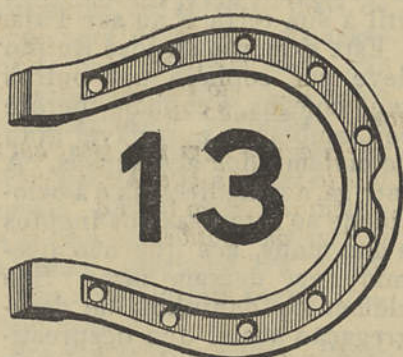
TELEFONE 121

R. Dr. Miguel Bombarda, 97

Vila Real de Santo António

VINHOS DO CARTAXO

MARCA DE VINHOS
de Consumo e Exportação
QUE MARCA



MARCA REGISTRADA

O Técnico e Pro-
vador desta casa
é o seu Proprietário

O maior « STOCK » de vinhos de mesa, licorosos
extremadura, aguardente vinica e bagaceira da região,
aguardente de ginja, e mel centrifugado

**Preços em concorrência
para todos os mercados**

Vinhos licorosos extremadura
engarrafados das marcas:

« TREZE », « PORTUGAL », « RAQUELITA »
« MINHA ULTIMA MARCA »
e « AGUARDENTE VELHA RIBATEJO »

Produtos vinicos 100 por cento

Execução rápida de todas as encomendas

Vendas com garantia de baixa

Compras a dinheiro, vendas a prazo

AGENTES EM:

AFRICA e BRAZIL

Aceito Agentes onde ainda os não tenha

Armazéns de retém:

N.ºs 1 a 9, no Cartaxo em propriedades próprias

BANQUEIROS:

Banco de Portugal

Credit Franco-Portugais

London & South America Limited

Borges & Irmão

Nacional Ultramarino

Angola

Espirito Santo e Comercial de Lisboa

Banco Português do Atlântico

Caixa Geral de Depósitos

ANTÓNIO NUNES CUNHA

REGISTO COMERCIAL 65-B

CASA FUNDADA EM 1913

CARTAXO-Portugal

Telegramas: « TREZE »

Telefones { 13 - Cartaxo
27 - Ericeira
821 - Santarém

Sócio Gerente da Sociedade Mineira do Vale da Serra, L.^{da} - S. Mamede Riba Tua

João de Deus

(CONCLUSÃO DA 5.ª PÁGINA)

Dentre as sombras do meu jardim — do jardim que eu tenho na minha vida — João de Deus é das mais acolhedoras, é uma das que me recebem com mais prazer, das que mais me refrescam, das que mais me protegem. E eu, que não fui do seu tempo, humildemente, tão humildemente como os que a seus pés estenderam as suas capas, curvo-me perante a sua Figura.

Eles viram os traços físicos da Perfeição, sentiram o fluido inexplicável do Grande, eu leio nos seus versos os vincos fundos dessa mesma Perfeição, respiro nas suas flores — nas flores do seu campo — o perfume subtil daquilo que passa além do Tempo e da Vida.

Nunca o vi, mas vejo-o, tão simples como os seus versos, tão humilde como a sua Cartilha Maternal, Homem entre os homens, Artista entre os artistas, Maior entre os grandes.

Ele foi um desses raros que em vida sabem que serão imortais. O seu nome ficaria na História da Literatura Portuguesa, os seus escritos iriam figurar ao lado dos escritos de passadas glórias e nem assim ele se envaidecia.

Sempre simples, sempre modesto, acima de tudo, sempre Génio.

E' que João de Deus compreendia que aquela mágica centelha que brilhava no seu espírito, aquela espantosa facilidade com que alinhava versos e poemas, a límpida clareza com que tudo lhe saía da pena, eram atributos que o Céu, generosamente, lhe concedera, de que ele não devia orgulhar-se, porque haviam nascido consigo.

Para as crianças ia o grande amor do Poeta. Queria-lhes porque só nas suas almas pequeninas ele encontrava a mesma pureza, a mesma candura que habitava a sua Própria Alma. Queria-lhes porque eram simples, tão simples quanto pode ser uma criança que o

Mundo só conhece o amor e os carinhos de seu Pai e da sua Mãe. Queria-lhes como Jesus lhes quisera...

«Cartilha Maternal» é o espelho desse seu amor, é o reflexo da sua simplicidade, é a maior de quantas heranças ele deixou a todas as crianças que nasceu sob o Sol que o cobriu, amando a Terra que também ele amou.

BA — BA é a mais sublime página da Literatura de Portugal, porque é a mais humilde, a mais modesta, porque é a primeira que nós todos conhecemos, porque é a primeira linha que os nossos olhos, vacilantes ainda, aprenderam a ler. E é também mais perfeita síntese daquilo que João de Deus foi perante a Vida e perante o Mundo.

A' sua sombra refrescante eu gosto de me acolher. O perfume das suas flores eu gosto de aspirar. Na sua obra eu gosto de encontrar, página após página, a límpida clareza da luz que ele irradiou como ninguém.

Estas linhas são uma homenagem — oh, bem pequena homenagem para quem foi tão grande entre os homens, perante o Tempo — duma Mocidade que veio muito depois daquela que o vitoriou um dia, em Lisboa.

O Homem morreu, como pó que é em pó se torna mas a Sua Obra ficou, para todo o sempre, desafiando séculos e multidões, atestando a Sua passagem pela Terra. E aos olhos infalíveis da Posteridade, do Futuro, só isso conta...

Ele chamou-se João, de Deus foi o seu apelido e a sua Alma...

Mendes Leal

CINE - FOZ

Apresenta hoje, o grande filme italiano, *Amanhã será tarde*, (para indivíduos com mais de 18 anos).

Quinta-feira, exhibe *Tarakanova*, um filme de capa e espada, (para indivíduos com mais de 13 anos).

Barbei-se sem igual usando uma lâmina PUNKTAL

Crónica de Lisboa

(CONCLUSÃO DA 4.ª PÁGINA)

— *Vento! exclamamos nós em unísono.*

E' verdade está vento, pasmou-se a Milu.

Fechei a gola do casaco.

— Até faz frio.

— Pois, mas não sabias fechar o casaco à mais tempo.

— Oh! Mãe é que eu não tinha dado por isso.

— Tu nem sequer sabes onde tens a cabeça. Parece impossível com um frio destes.

— Vá não se zanguem, apaziguou o meu pai. Esta Feira ainda é uma grande coisa. Passa-se uma noite, diverte-se uma pessoa. E tudo isso por dez tostões.

Sem que dessem por isso, abri o porte-moedas, que estava repleto à saída de casa. Vá lá ainda tinha oito tostões. Uma fortuna!

— E' verdade — disse eu — temos que vir mais vezes.

— Foi uma noite deliciosa, sorriu o Quim para a Milu.

— E depois tudo isto, por dez tostões.

— E' barata a feira, anuiu a minha mãe.

— Lá isso é, exclamei sorridente. Havemos de voltar.

Lisboa, 11-6-53

Vera Ponce de Léon

CASTRO MARIM

(CONCLUSÃO DA 5.ª PÁGINA)

Concelho. Entre elas, figura a resolução do problema do saneamento, electrificação da Vila e das sedes das Freguesias de Azinhal e Odeleite; construção de uma estrada que ligue a E. N. 122 ao Monte do Belixe e outra que ligue a E. N. 125 6 ao limite do Concelho (Corte de António Martins), passando por Rio-Sêco, Piza Barro e outros aglomerados populacionais; construção e grandes reparações de algumas ruas e travessas da Vila; limpeza e desobstrução do esgoto que liga a Vila ao Rio Guadiana; reintegração no património do Município dos Sapaís denominados «Carrasqueira» e «Venta Moinhos»; reconstrução das suas fortalezas - Castelo e Forte de S. Sebastião-pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais; instalação de uma cabine telefónica pública na Aldeia de Odeleite e bem assim, arborização de todas as ladeiras que circundam a Vila. Eis o que de momento se nos oferece dizer aos leitores amigos que verdadeiramente sintam o orgulho de ser Castromarinenses, podendo ficar descansados que tudo que se prenda com este nobre Concelho, digno de registo, ser-lhe-á relatado através das colunas deste simpático e promissor jornal.

M. P.

PENSÃO FELIX

Sobejamente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferência.

Praça Marquez de Pombal, 22
Vila Real de Santo António

UMA AVENTURA MUSICAL

(CONCLUSÃO DA 5.ª PÁGINA)

alguns dos seus colaboradores, por volta das três horas da tarde. Por sinal que, tendo-se esquecido das musicas, teve que voltar ao *Avenida Palace* a buscá-las. E começou o Ruy a ler o *Mélos*; o Marquês ouvia atento, mas sendo manifestamente impossível fazer ideia do carácter expressivo da musica em perfeita adaptação ao argumento, ouvindo pois abstractamente por assim dizer, achava bem certas passagens, mas outras com notas a mais... Obtemperei-lhe que fora já esta a objecção do velho imperador da Austria ao Mozart... Alguns dos seus colaboradores presentes aplaudiam por vezes certos ritmos que lhes pareciam interessantes... Em meio de conversa e discussão, entre o Ruy o Marquês e eu, e com audição de passagens salteadas, o tempo escasso foi decorrendo e estávamos à beira das 4 e meia em que a matineé dos bailados desse dia ia começar. Assim, sem que, por esta forma atrabiliária o Marquês pudesse ter feito a mais mínima ideia aceitável do carácter da minha musica ou da minha capacidade de compositor (o Ruy estava estarecido da maneira como este homem poderia fazer juizo das musicas que lhe submetiam...), observando-me ele que o que era necessário eram não especulações teóricas, mas *melodia para se dançar*, acabei por dizer-lhe, com a familiaridade já assente, que mandasse ele o argumento de *Melusina* e eu lhe mostraria que ele estava «delante de uno de los mayores melodistas del... Universo»!

E, voltada à minha mão a partitura do *Mélos* (pois a do *Colombo* lhe ficara entregue, como disse já), e como à pianista ensaiadora do Marquês eu tivesse perguntado porque não lhe fizera ela ouvir a minha musica, ela limitou-se a responder-me que não costumava tocar senão as musicas que já conhecia... Compreende-se: a leitura, à primeira viota não é para toda a gente, mesmo profissional encartada, e demais, tratando-se de musica de leitura nem sempre muito facil, como a que eu ali escrevera, — não pela minha grafia quase tipográfica, devo dizê-lo, mas pela estrutura harmónica e rítmica da propria composição... Claro que o meu amigo Ruy, que é compositor e tem a compreensão intuitiva destas coisas, vence, sem dificuldade de maior, esses obstáculos, sendo de resto um pianista consumado como leitor à primeira vista; o que não quero dizer que aqui ou ali haja de hesitar ligeiramente. A pianista em questão não teria, certamente, sido capaz de ler a minha musica como ele a leu... Mas o Marquês é que, não compreendendo (como o velho professor de instrução primária que dizia que *tem de se perceber a hipótese pela elipse*), se insurgia por vezes pretendendo que tudo saísse impecavel...

Desta curiosa experiência, ficamos o Ruy e eu, com a inevitável convicção de que o famoso Marquês é afinal apenas (ou quase apenas) o *homem da massa*, fabulosamente rico este aristocrata híbrido de dinamarquês e chileno espanhol (ouvi dizer que teria nada menos de uns cem contos de rendimento por dia!...); e que portanto a sua virtude estaria em — com ares e artes de *grand seigneur*, congregar os elementos e as sugestões que colaboradores de elite lhe aponta-

riam... Pessoalmente, teria quando muito, a indispensável supervisão, pela qual o seu gosto ou tendencia se revelaria...

No conjunto dos seus bailados esta sua tendencia estar-se-ia revelando, depois do grande esforço artístico de Diaghlev e outros, como uma preferência por uma especie de verismo coreográfico em concordância com o gosto dominante dum publico internacional, artisticamente desvirado ou inferiorizado, desde Monte-Carlo até às Americas, gosto traduzindo-se pela valorização da *pi rueta* à custa do elemento espiritual expressivo, reduzindo-se cada bailado á exhibição duma serie de numeros de sucesso, como na palhaçaria dos coliseus ou na antiga opera do *bel canto*, em que o enredo da peça era qualquer, nada, um pretexto apenas para o cantor ou a diva maravilharem a assistência futil com os seus primores.

Não quer isto dizer que não apareçam bailados como *Annabel Lee*, *Scaramouche*, *Piège de Lumière* e *Petruchka*, por exemplo, de diversos tipos expressivos genuínos: mas a maioria talvez não passe de uma mera enfiada de danças de tipo clássico-académico, sem outra finalidade que o provocar as palmas do publico a cada um dos prodígios coreográficos executados pela pleiade de artistas femininos e masculinos, cada um deles, sem duvida do melhor quilate ou categoria... Outra habilidade não terá o Marquês, porventura; mas esta de caçador de dançarinos e dançarinas é incontestável. (De Portugal caçou, ao que se disse, um dos melhores elementos do grupo de D. Margarida de Abreu. Assim, que admiração que a sua troupe internacional seja a melhor?)

Voltando ao meu caso, pensei que o melhor seria entender-me eu particularmente com a gentil princesa: ela mandar-me-ia directamente o argumento e eu faria a musica, utilizando a do *Mélos*, ou melhor, fazendo uma musica nova.

E nesse sentido a procurei nessa mesma tarde, ao fim do espectáculo no *Avenida Palace* onde também ficara: estando fatigada e indo tomar o seu banho e repousar, não quis importuná-la. Reconheceu-me logo, tendo fixado o pormenor de eu ter uma filha chamada *Melusina*, e explicou-me que tendo muito gosto na colaboração, poderíamos conversar no dia seguinte pela tarde, pois não sairia, vindo de manhã visitá-la uns amigos de Madrid. Como no dia seguinte, 2.ª feira era dado o bailado *L' Aigrette* cujo argumento era seu, não quis deixar de ficar para isto e para a conversa aprazada.

E de facto, devendo partir para Olhão nessa noite de domingo, resolvi ficar — porque também outras coisas officias não conseguira resolver naquele dia morto.

Já agora assistiria ao espectáculo da noite e seguiria no rápido de 3.ª feira, pela manhã, conforme sucedeu.

Olhão, 10-6-53.

Francisco Fernandes Lopes

Novidade Literária

Do mesmo autor do romance

«FRONTEIRIÇOS», A. VICENTE CAMPINAS
saiu há pouco«TRAVESSIA»
Preço 20\$00

à venda em todo o País

Pedidos a «IBERIA»

Vila Real de Santo António

HOLLAND-AMERICA LINE

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZA COALCOS, TAMPICO, MOBILE, Ala., NEW ORLEANS, HOUSTON E GALVESTON

O VAPOR RÁPIDO

"ALBLASSERDYK"

carrega em LISBOA em 26 de JUNHO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

PARTIDAS DE ROTTERDAM:

«DURANGO» — 27 de Junho

«DONGEDYK» — 9 de Julho

«LOCH RYAN» — 18 de Julho

AGENTES GERAIS

CARLOS GOMES & C. L. DA

15 — Rua dos Fanqueiros — LISBOA

TELEFONES 21143 — 21789

CARTAS DE RODOLFO RUIZ

(CONCLUSÃO DA 4.ª PÁGINA)

mente oposto, mas onde tudo o se duzia.

— «A China, dizia-me êle, confunde-nos, e ao fim de um certo tempo o europeu acaba por confundir amão direita com a mão esquerda... O chinês pensa e age de forma diferente... Escreve-se da direita para a esquerda as palavras alinham-se verticalmente e o livro lê-se de traz para diante; as portas fecham-se virando a chave para a esquerda e não para a direita; ao encontrar um amigo aperta-se a própria mão e nunca a do amigo; ao servir o chá o pires vem por cima da chávena e não por baixo; depois de se banhar serve-se de uma toalha molhada e não enluta; o branco é a cor do luto e não o preto; começa-se a construir uma casa pelo telhado e não pelos alicerces e o compasso chinês indica o Sul e não o Norte... Já vê o meu amigo...»

— De facto, o chinês deve ser um bicho complicado! concordei eu.

— Complicadissimo mas que artista!

E durante horas encantava-me com a descrição maravilhosa de maravilhas de arte chinesa.

Quando ao fim de quinze dias me despedi dele em Marselha, onde fôra embarcar num paquete da Messageries Maritimes, que o ia levar a Hong Kong, eu estava um fervoroso apreciador da arte chinesa.

Depois passei a receber regularmente da China, durante anos, livros escritos por Carvalho e Rêgo. Eram sempre deliciosas pinceladas referentes a essa civilização Oriental que tão mal conhece esta nossa civilização Ocidental. Recomendo-te a sua leitura. Ao caso dou-te alguns títulos: Mui-Fá, versos chineses, Cartas da China, Macau, Lendas e Contos da China, Da Virtude da Mulher Chinesa, O Caso do Tesouro do Templo do A Má, Momentos Musicais etc.

E aqui estava agora em Lisboa este velho amigo Engolido um rápido jantar rapidamente um táxi me transportou às Janelas Verdes e o abraço que dentre em pouco nos apertou de encontro um ao outro envolvia uma sincera amizade uma grande saudade de tempos antigos.

Feita a apresentação pelo Sr. Dr. João Couto, Director do Museu, que presidiu à sessão Carvalho e Rêgo iniciou a sua brilhante conferencia, e durante uma hora deleitou a selecta assistência e muito lhe ensinou. Fez uma erudita comparação entre povos do Oriente e do Ocidente, com considerações judiciosas sobre as fundamentais diferenças que entre êles existem. Referindo-se à tecnica da pintura chinesa, indicou o material empregado e assim eu fiquei sabendo que os pinceis, mais agudos que pontas de agulha, eram feitos de bigodes de ratos e que as unhas dos artistas, intencionalmente deixadas longas, serviam por vezes de paleta e até de pincel quando preciso... Enumerou as preferencias na escolha dos assuntos, geralmente paisagens e animais e nunca o nu; o nu feria a sensibilidade pública do chinês!...

— Que pena, e eu então que gosto tanto do nu artistico! murmurou baixo nesta passagem um pintor sexagenário que estava sentado ao meu lado. Um «chut» meu fê-lo porém embatucar...

Carvalho e Rêgo historiou depois resumidamente a pintura na China, referindo os nomes dos mais afamados pintores das dife-

rentes épocas, cujas características indicou. Fez, a seguir menção especial dos Jesuitas que ao serviço do Rei de Portugal, se distinguiram na Corte de Pequim, como artistas e como pintores distintos e destacou em especial Castiglioni que chegou a pintar segundo a tecnica chinesa, merecendo figurar entre os mais distintos pintores da corte. Finalmente expoz um quadro desse Jesuita famoso, quadro tido pelos entendidos como uma maravilha de arte e de tecnica que teria indiscutivelmente o seu lugar adequado e proprio numa das salas do Museu. Não vi em Paris nem em Londres melhor...

Carvalho e Rêgo veio cear comigo nessa noite e até altas horas da madrugada falámos de lendas e de dragões, de porcelanas e de jade, de pagodes e de arrosais...

Toda a China—cinco vezes milenária,— foi recordada e saudada num cantinho dum pequeno restaurante portuguez à beira do Tejo...

Teu
Rodolfo

O Sr. Nehru

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

trado dia-a-dia em matéria de política internacional. E é precisamente a contradição que se observa nestas duas atitudes que nos espanta — e pretendemos salientar.

Ainda a propósito do hábito do sr. Nehru de jogar com pausinho de dois bicos, com o Oriente e o Ocidente, contava uma revista de Bombaim uma história a respeito do ministro do Akbar, o anedótico titular, famoso pelas suas indecisões. Certo dia, o imperador lhe impôs como castigo escolhe entre comer cem cebôlas amargas e levar cem pontapés.

O pobre vizir escolheu naturalmente o banquete de cebôlas, que reputava menos pungente; porém, mal deglutira algumas, mudou de parecer decidindo experimentar os pontapés. Quando esta provação já lhe parecia intolerável, voltou a optar pelas cebôlas... que, afinal, trocou, de novo, por pontapés... Até que acabou comendo cem cebôlas... e sofrendo, também, cem pontapés...

Esperamos que os deuses livrem o sr. Nehru de tal extremo.

Portimão

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ção do novo Hospital projectado para Portimão, e tal intento, por si só, justificaria o apoio de todos nós, os que aqui nascemos ou cá vivemos ganhando o pão da boca.

Estas palavras, ditadas por um sentimento que nos vem directamente do coração, e não inspiradas por qualquer intuito de louvaminha a que somos, aliás, refractários por principio, permittem-nos, supomos, acrescentar sobre a organização dos festejos alguns comentários menos favoráveis. E, ao fazê-lo, veja-se a autoridade que trazemos de trás, de lá de onde começámos por não esquecer louvores.

Veja-se a justiça que não nos olvidámos de dispensar, antes, aos organizadores, para que nolla venham a fazer a nós, no ponto em que comecem os nossos ligeiros reparos criticos. Reparos ditados, ademais, por um intuito de servir, que não de destruir; de ajudar, com a nossa sincera opinião, a fazer melhor de futuro; e não a condenar o que está feito por mero pendor de dizer mal, por sádico prazer de menosprezar as virtudes e trabalho alheios.

Não somos, felizmente, dessa estipe de eternos maldizentes que de si nunca deram uma ligeira amostra de valia, mas que falam de alto a diminuir os méritos de quem, tão só por altruísmo e com grande sacrificio pessoal as mais das vezes, se esforça em prol de uma causa comum.

O maior senão que temos a apontar é o da mal orientada propaganda destes festividades. Em alguns órgãos da imprensa vimos escrito que se tratava de «Festas da Cidade» — o «Comércio de Portimão», o «Correio do Sul» e o «Diário do Alentejo», por exemplo, assim as rotularam — e a Rádio fez uma publicidade que afinava quase pelo mesmo tom, isto é, dava a noção falsa e inconveniente de se tratar de coisa revestida de muito brilho, digna da maior projecção, e perfeitamente à altura da grandeza e tradições de uma cidade que é, sem dúvida, uma afirmação de progresso nestas paragens do Sul.

Erro semelhante já fôra cometido há anos, chamando-se pomposamente «Festas da Cidade» a uma sensaborona amostra de arraial de aldeia, que nos encheu de ridículo. Repeti-lo, agora,

foi uma insensatez. Aqui nos apressamos, pois, por nossa parte, e em nome do respeito que nos merece esta terra, a rectificar essa designação. O que tivemos pelo Santo António, e se repetirá por alturas de S. João e S. Pedro, é apenas um simpático arraial popular, de harmonia com as tradições.

Chamemos-lhe, e muito bem, dos Santos Populares. Rejubilemos com a sua realização, que nos proporciona algumas noites de animado passatempo ao som das «charangas», junto da barra dos «comes & bebes» ou em viagem circular no roncoiro «combóio» saído da oficina-surpresa dos hábeis e simpáticos artifices Cachucho & Companhia...

Mas cuide-se de não dar ao forasteiro uma ideia demasiado favorável dos aliciantes encantos que aqui o esperam, se ele adregar de cá vir atraído pela propaganda. Porque fica mal anunciar o que não há, e porque o engano virá redundar em desprestígio da cidade. O próprio programa das festas não corresponde à verdade. Há, nele, números anunciados que foram inexistentes, e alusões a clous sensacionais que cheiram a réclame de feira (o Stand da Favorita, por exemplo).

Mas isso é o menos. Trata-se de um prospecto para distribuir como que em familia, e nós, os da familia, temos obrigação de perdoar as falhas. A Imprensa e a Rádio, contudo, são elementos a utilizar com mais critério.

O que teríamos a dizer quanto às decorações e iluminação do recinto — e do ponto de vista estético algo haveria a condenar — melhor será calar por esta vez, sabido que os recursos materiais são diminutos e que, tratando-se de arrecadar receitas para ajudar à construção do novo Hospital o primeiro cuidado é justamente evitar as despesas. No entanto, o aproveitamento dos belos Largo e Jardim que constituem a sala de visitas da cidade deveria ser feito apenas quando houvesse possibilidades de os emoldurar condignamente. Para nos resignarmos a vê-los assim, com uma teoria de paus espetados em seu redor, sem amostra de tinta ao menos a dar-lhes colorido e graça, e envolvidos por um painel de serapilheira, antes desejaríamos que as festas se fizessem em qualquer outro local.

Ali, em nosso entender, tudo tem de ser feito com dignidade e belesa, numa harmonia requerida pelo magnifico cenário daquele pedaço da beira-rio. Aliterão de ser feitas, alguma vez, para honra e orgulho nossos, as verdadeiras, as grandes «Festas da Cidade». Quando for possível essa alta realização, então sim, terá Portimão mais um justo motivo de propaganda, mais um cartaz sugestivo para a projecção da sua grandeza.

Um último pormenor, que nos doi referir por dizer respeito a alguém que mui dedicado se tem mostrado sempre por tudo o que significa ajudar a terra, mas que por decoro mesmo da terra é forçoso não deixar passar em claro, é o da locução feita através dos microfones da Electro-Vitória. Conviria, já que tecnicamente o serviço está montado de molde a fazer honra à firma, que o locutor estivesse à altura das responsabilidades. Diz-se, sem razão, que não há melhor. Sinceramente, não acreditamos. Nem gostamos que os forasteiros penssem tal.

João Braz

UM VERDADEIRO PLANO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

cada porto determinavam naturalmente uma desigualdade.

O ponto que escapa à nossa compreensão é o que teria levado—pelo menos assim parece!— a considerar bastante o estado em que se encontra o porto de Vila Real, no que isso pode deduzir-se da não inclusão daquele nas dotações votadas para um plano geral de fomento.

O porto Faro-Olhão fôra estudado já em 1870; mas só depois de novos estudos (1926) as obras se iniciaram em 1927. Em 1929 inaugurou-se uma barra, a qual em 1953 ainda não oferece a necessária segurança. Com essa barra gastaram-se, no período 1928-1937, quase 20.000 contos.

No porto de Portimão o gasto com dragagens atinge, nos últimos 11 anos, cerca 10.000 contos.

Em contra partida, os gastos com a dragagem da barra do Guadiana só ultimamente foram estabelecidos em 100 contos anuais, por subsidio concedido pelo Estado à empresa concessionária da exploração das Minas de S. Domingos.

Se compararmos estas despesas de conservação às receitas de cada um dos portos a que se referem, verifica-se uma posição visivelmente mais vantajosa para a exploração do porto do Guadiana, o que, parece, deveria aconselhar a existência dum apetrechamento e condições de utilização tão completos e perfeitos quanto possível.

Mas Vila Real de Santo António e o seu porto nunca foram muito felizes em matéria de planos!

O comprimento do seu cais acostável, que fora primeiramente projectado para medir 1.050 metros, foi reduzido para apenas 300 metros segundo o projecto executado.

O plano geral do porto, que vimos em 1940 apresentado em «maquette» na memorável Exposição do Mundo Português, e que representava a construção de importantes instalações, em que se incluía também a estação dos Caminhos de Ferro, solução já preconizada em 1918 por Thomaz Cabreira no seu estudo «O Algarve Económico», parece ter sido considerada «mal empregada» e foi substituída pelas instalações actuais que, embora já representando progresso, não atingem as aspirações dos que atribuem ao porto de Vila Real o seu verdadeiro valôr, sob o ponto de vista duplamente económico e turístico.

Finalmente, o actual Plano de Fomento não a incluiu nas obras a desenvolver.

Enfim, tal como se diz no parecer da Câmara Corporativa, esperemos ao menos que essas obras sejam a «incluir certamente em futuro programa». Assim seja!

J. M.

Alvaro Duarte Gomes

Tivemos o prazer da visita do nosso presado amigo e colaborador sr. Alvaro Duarte Gomes, viajante da Sociedade de Representações Cupertino de Miranda & C.ª Lda., que teve a amabilidade de oferecer-nos as excelentes lâminas de barbear marca Punktal fabricadas pela mais importante fábrica de cutelaria alemã.

Trespassa-se em PORTIMÃO

SUIKA-BAR

Café, Marisco e Petiscos

A unica casa no género aberta até às 2 horas da madrugada

Srs. Lavradores

Criadores de Gado

Quereis abundância de Leite nas vossas vacas?

Comprai farinha alimentar

SANGUEFORTE

SANGUEFORTE, é uma farinha alimentar para gado, que simboliza a abundância de leite, desenvolvimento e engorda.

Fabricante: LUIZ GARCIA

FÁBRICA: Rua António José Baptista, 8 a 14

Telefone 3588

SETUBAL